

O jardim da dissolução: considerações sobre o poema “Jardim”, de Carlos Drummond de Andrade

Cid Ottoni Bylaardt | UFC

Resumo: O poema “Jardim”, do livro de *Novos poemas* (1946/1947), de Carlos Drummond de Andrade, surge num momento em que o poeta parece transfigurar suas inquietações sociais, transformando-as em preocupações poéticas, antecipando sua luta para “esconder o objeto”, para elidir o assunto. O excesso de consciência histórica do poeta leva à sua própria exaustão, renunciando doravante o momento de renúncia ao tempo e à tradição. Este texto procura mostrar como o “Jardim” inaugura uma nova tendência na obra de Drummond, metaforizando a poesia que não se desvela, o momento que se insinua, mas não se mostra ainda, o ser poético que se metamorfoseia pressentindo sutilmente o novo estágio, que se deixa perceber mais explicitamente em *Claro enigma*.

Palavras-chave: “Jardim”, Drummond, dissolução, presságio, metamorfose.

Negro jardim. Esse jardim de Drummond situa-se em *Novos poemas* (1946/1947), num momento em que o poeta não discerne com clareza o fazer poético de sua relação com o mundo, como ele declara em “Aliança”, do mesmo livro: “Oh que duro, duro, duro / ofício de se exprimir!”. O compromisso selado com a humanidade e com seu país de *Sentimento do mundo*, José e Rosa do

Povo, que o poeta considerou posteriormente sua fase mais produtiva, começa a esvaziar-se: “Já desisto de lavrar / este país inconcluso” (“Aliança”). A frustração com a luta inglória desemboca no que Drummond chamou “uma poesia mais subjetiva, mais metafísica”, cujo momento de transição é *Novos poemas*, e cuja consolidação se dá em *Claro enigma*.

Chama a atenção o adjetivo *negro* do primeiro verso. Na fase social, o poeta irmanava-o ao substantivo *noite*, como em “A noite dissolve os homens” (*Sentimento do mundo*), conotando um momento de desesperança, de extrema confusão: “Os suspiros / acusam a presença negra / que paralisa os guerreiros”. A disposição para a luta é imensa, mas há momentos em que nem o inimigo pode ser divisado. Nessa fase, é freqüente também a contrastante imagem da “aurora”, que permite vislumbrar uma mudança revolucionária que exige que corra o sangue “doce, de tão necessário”, mudança cuja possibilidade se dissipa em *José*, quando o poeta a reduz a “apenas, na noite, uma fogueira” (“Mas viveremos”). A noite, o escuro, o negro são ainda associados ao medo, à injusta distribuição, à opressão. Em “Canto ao homem do povo Charlie Chaplin” (*Rosa do povo*), o negro da vestimenta do ator é um elemento de lírico luto numa sociedade de dominação e incompreensão. Para os pessimistas, ele é “o corvo, o nunca-mais, o chegado muito tarde / a um mundo muito velho”. O seu sorriso, entretanto, conduz as pessoas à aurora da vida, “ao país secreto onde dormem meninos”.

E o jardim? Em “Lembrança do mundo antigo” (*Sentimento do mundo*), o jardim é um local colorido, um remoto mundo de liberdade, de tranquilidade, de segurança, de poucos perigos, em contraste com um mundo atual de insegurança e opressão. Em “Versos à boca da noite” (*Rosa do povo*), a idéia de jardim está relacionada às memórias recordadas cinematograficamente: “Mas vêm o tempo e a idéia de passado / visitar-te na curva de um jardim”. O jardim de “Canto ao homem do povo Charlie Chaplin” é a imagem da grande poesia chapliniana comparada ao “ramo de flores absurdas” que o poeta brasileiro envia ao “inventor dos jardins”.

Desestabilizaram-se os signos? O jardim de *Novos poemas* surge num momento em que o poeta parece transfigurar suas inquietações sociais que afloram ao sentimento, transformando-as em inquietações poéticas, antecipando sua luta para “esconder o objeto”, para elidir o assunto, utilizando uma língua analítica para erigir uma poesia sintética. O excesso de consciência histórica do poeta o leva à sua própria exaustão, prenunciando doravante o momento de renúncia ao tempo e à tradição. Assim, o adjetivo *negro*, que, por sua recorrência e persistência,

adquiriu o estatuto de símbolo em momentos anteriores, relacionando-se à desesperança, à impotência, ao medo, à síndrome da dominação, enfim, parece-nos inaugurar aqui uma nova tendência, metaforizando a poesia que não se desvela, o momento que se insinua, mas não se mostra ainda, o ser poético que se metamorfoseia presentindo sutilmente o novo estágio.

O “negro jardim” é, sem dúvida, um lugar especial, posto que negro, expressão do puro desejo do ser poético, que indefinido se divisa. É um lugar peculiarmente poético, a morada da poesia, a vaticinada poesia que se introduz no novo campo de cultivo do poeta. Nesse jardim soam violas, harmonia cósmica, poesia de outra ordem, que vibra dissipando o “mal da vida”, injusta distribuição de capital e trabalho, em suas ondas sonoras. Não se pode deixar de relacionar a expressão “mal da vida” a toda poética de cunho social explorada nos três livros anteriores de Drummond, e que nesse momento desvanece, evapora. Ao acaso, uma inútil canção vagueia entre os galhos e as folhagens comparada à “estátua indecisa”: canção, estátua, poesia sem rumo, sem decisão, afastada da consciência acertada da realidade.

O segundo quarteto contém o momento da transformação, o abandono de uma situação até então estável e a busca de algo que não se definiu ainda. O advérbio *não* e a conjunção *mas* estabelecem a mudança. Há muitos anos, o lago poético é habitado por elementos orgânicos, por isso mesmo putrescíveis, passíveis de morte e deterioração. A nova ordem pressupõe uma matéria poética de caráter artificial, produto de elaboração, mais duradoura e menos comprometida com a realidade. A cor da nova matéria que habita o lago tende à neutralidade, à ausência da emoção que antes guiava o fazer poético em seu sentimento do mundo.

As contas são soltas por alguém que tem os “olhos vazados”, alguém que não vê, que realiza seu cego ofício mecanicamente, que se oferece sem mistérios, na aceitação passiva da nova ordem, para onde o ser é guiado sem resistência. As mãos foram enfeitiçadas por um “segredo vegetal”: o encanto é fabricação (feitiço) da poesia, que ainda não revela o segredo do cultivo do novo jardim. Ao lado da visão desse alguém que desata contas, aparecem outras visões, que desembocam na estrofe final anunciando a nova ordem.

O último terceto já entremostra o novo estatuto poético: o momento é de crise, de elementos intrincados, que se enredam, se emaranham, instaurando a confusão.

É a confusão poética: a poesia mascarada não deixa ver sua essência, não mostra seu âmago, sua alma, ou simplesmente não a possui. O que se avizinha

é jardim apenas, poesia apenas, sem interferência dos aborrecidos *événements*. Negro, não se aclara, não ilumina; no momento, mostra apenas as pétalas. O poeta abandona sua luta do presente, afastando-se para um mundo nebuloso que não revela sua essência. *Presságio* é a palavra final: é presciência e pressentimento, é agouro de um futuro que se avizinha e que não se pode evitar.

É significativo que esse jardim da transição seja um soneto, que representa também formalmente uma mudança radical na poética de Drummond. Antes desse poema, registramos a presença de apenas três sonetos nos cinco livros anteriores do poeta: “Soneto da perdida esperança”, de *Brejo das almas*, “Áporo” e “O poeta escolhe seu túmulo”, de *José*. Deve-se observar que nos três poemas citados a forma soneto relaciona-se apenas à disposição dos versos e das estrofes em dois quartetos e dois tercetos, sem outras preocupações formais, como a métrica, a seqüência de rimas, cesuras e cadência. Em “Jardim”, já se delineia o soneto clássico, que irá ser explorado com uma certa insistência em *Claro enigma*. Embora não haja a preocupação com as rimas, os versos são decassílabos e a cadência já tende à regularização. É curioso que ele inicia com um decassílabo sáfico (icto na quarta e oitava sílabas) e corrige imediatamente, a partir do segundo verso, para o decassílabo heróico (icto na sexta sílaba), que permanece até o fim, como se estivesse sintonizando seu estro com a situação que se lhe apresenta, buscando uma posição mais confortável.

Dentro da tradição do soneto, o primeiro dístico já contém em sua totalidade o problema apresentado, que se condensa dramaticamente nas duas primeiras palavras, “Negro jardim”, e espalha a tensão emocional até o final do segundo verso, após o que se segue o processo de metamorfose que explica a aporia, e de certa forma alivia a tensão. A transição intermediária conduz ao desfecho, definindo a situação, que se concentra no presságio, já que a essência não foi divisada.

Nesse processo de transfiguração, é impossível não relacionar de alguma forma esse “Jardim” a “Dissolução” (primeiro poema de *Claro enigma*), em que a noite se abate sobre a poesia, inaugurando “uma ordem outra de seres / e coisas não figuradas”. Apresentamos a seguir um quadro associando elementos que consideramos equivalentes nos universos poéticos dos dois poemas:¹

1. Ver anexo: os textos completos dos poemas, de Carlos Drummond de Andrade.

Equivalência entre elementos de “Jardim” e “Dissolução”

Nº do verso	Elementos de “Jardim”	Elementos de “Dissolução”	Nº do verso
1	“Negro jardim”	“Escurece”	1
2	“mal da vida”	“agressivo espírito”	17
2	“em ecos se dispersa”	“já não oprime”	19
4	“estátua indecisa”	“Hesitando.”	16
8	“olhos vazados”	“aceito a noite”	4
9	“mãos oferecidas e mecânicas”	“Braços cruzados.”	8
10	“de um vegetal segredo enfeitçadas”	“E nem destaque minha pele da confluyente escuridão”	13 / 14
11	“outras visões se delineiam”	“Uma ordem outra de seres e coisas não figuradas”	6 / 7
14	“jardim apenas”	“a paz, destroçada”	19 / 20

Em “Dissolução”, a imagem do escurecer tende a transformar-se em símbolo do novo momento do poeta, em que se anuncia uma “nova ordem”, a qual rompe com o tempo e com a história. Esse escurecer tem seu equivalente na expressão “negro jardim” do poema anterior. O sentimento do mundo se dispersa, esvaziando o universo de acumulações históricas, inaugurando um novo mundo de “seres e coisas não figuradas” que inclui o poeta, cuja pele não se destaca da escuridão. Há aí curiosa fusão de metáfora e metonímia da metamorfose, construída sobre elementos antitéticos (pele branca x noite negra), que se dissolvem numa outra dimensão: a *pele*, metonímia do ser, se funde com a *escuridão*, metáfora do vazio, e se derrete em um *fim unânime*. Em “Jardim”, o texto nos apresenta um espaço em que “outras visões se delineiam”, também ainda não figuradas. No negro jardim, todavia, a nova ordem é apenas um presságio de transformação, que conduzirá ao fim unânime de “Dissolução”.

Em ambos os textos, a paisagem é hesitante e encerra perdas e danos; o tempo que se ultrapassa é claro e agressivo em sua luta, enquanto o que se anuncia parece prometer a paz, que se insinua como resultado de um esvaziamento da história, da transitoriedade de uma certa rosa exuberante, que agora se empobrece e se perpetua.

O “Jardim” evidentemente caminha para a “Dissolução”, a se considerar o “perene trânsito” da poesia no mundo. Talvez a grande diferença

entre os dois poemas seja o caráter de “presságio” do primeiro, pétalas que se anunciam, desdobradas em uma rosa “definitiva” no segundo.

Consideramos “Jardim”, portanto, um poema fundador, repleto de uma tensão que confere à poesia uma estranha força em sua metamorfose. Há um certo hermetismo no texto, provocado pela negação da imagem habitual do mundo e pela elevação do grau de abstracionismo. É necessário, assim, colocarmos-nos além da mera busca de compreensão, de imputação de significados, os quais aparecem aqui na dose mínima de luz suficiente para permitir a entrada no reino da obscuridade necessária à contemplação, e para não ofuscar a sensibilidade com a obviedade desencantadora. Esse poema pede que se aproxime dele como de uma paisagem, em que nem tudo deve ser explicado, exigindo do leitor um tipo de experiência contemplativa que produza resultados diversos dos que alcançamos no dia-a-dia.

Abstract: The poem “Jardim”, from the book Novos poemas (1946/1947), by Carlos Drummond de Andrade, appears in a moment in which the poet seems to transfigure his social inquietudes into poetic concerns, anticipating his struggle to “hide the matter”, to suppress the subject. The excess of the poet’s historical conscience leads to its own exhaustion, predicting since then the moment of renouncing to time and tradition. This paper intends to show how this “Jardim” inaugurates a new tendency in Drummond’s work, in which the garden is the metaphor of the poetry that doesn’t reveal itself, of a moment that insinuates but does not show completely the metamorphosis of the lyrical being, foreseeing subtly the new stage, which is perceivable more explicitly later in Claro enigma.
Keywords: “Jardim”, Drummond, dissolution, presage, metamorphosis.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião: 10 livros de poesia*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- BYLAARDT, Cid Ottoni. Drummond: metamorfose em direção à poesia pura. *Boletim do CESP*. vol. 20, n. 27. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2000.
- LIMA, Luiz Costa. O princípio-corrosão na poesia de Carlos Drummond de Andrade. In: _____. *Lira e antilira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- PAZ, Octavio. *El arco y la lira*. México: Fondo de Cultura Economica, 1998.
- SONTAG, Susan. A estética do silêncio. In: SONTAG, Susan; MARTINS FILHO, João Roberto. *A vontade radical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1982. p. 22.

ANEXO

Os textos completos dos poemas, de Carlos Drummond de Andrade

Jardim²

Negro jardim onde violas soam
e o mal da vida em ecos se dispersa:
à toa uma canção envolve os ramos,
como a estátua indecisa se reflete

no lago há longos anos habitado
por peixes, não, matéria putrescível,
mas por pálidas contas de colares
que alguém vai desatando, olhos vazados

e mãos oferecidas e mecânicas,
de um vegetal segredo enfeitiçadas,
enquanto outras visões se delineiam

e logo se enovelam: mascarada,
que sei de sua essência (ou não a tem),
jardim apenas, pétalas, presságio.

Dissolução³

Escurece, e não me seduz
tatear sequer uma lâmpada.
Pois que aprouve ao dia findar,
aceito a noite.

E com ela aceito que brote
uma ordem outra de seres
e coisas não figuradas.
Braços cruzados.

Vazio de quanto amávamos,
mais vasto é o céu. Povoações
surgem do vácuo.
Habito alguma?

E nem destaco minha pele
da confluyente escuridão.
Um fim unânime concentra-se
e pouca no ar. Hesitando.

E aquele agressivo espírito
que o dia carrega consigo
já não oprime. Assim, a paz,
destroçada.

Vai durar mil anos, ou
extinguir-se na cor do galo?
Esta rosa é definitiva,
Ainda que pobre.

Imaginação, falsa demente,
já te desprezo. E tu, palavra.
No mundo, perene trânsito,
calamo-nos.
E sem alma, corpo, és suave.

2. ANDRADE, 1977, p. 159.

3. ANDRADE, 1977, p. 164.